

## TRABALHADORES RETIRANTES NA “TERRA DA PROMESSA”<sup>1</sup>

Lara Vanessa de Castro Ferreira\*

**Resumo:** Em 1915 foi criada a comissão de Obras Novas Contra as Secas com o objetivo de combater a seca daquele ano. Essa comissão visava à construção de obras que possibilitasse o escoamento de água, dando trabalho ao maior número de retirantes. Rapidamente, essas construções se tornaram um lugar de aglomeração de retirantes na busca por ocupação. Dentro desses espaços os trabalhadores retirantes vivenciaram uma rica experiência histórica, já que a condição de retirante numa situação limite – a seca, foi o diferencial para a existência de uma multiplicidade de experiências diferentes. Dessa forma, o objetivo principal desse trabalho é perceber o cotidiano desses sujeitos e os embates ocorridos dentro do espaço das obras.

**Palavras-chaves:** Seca, Ciência e Trabalho.

**Abstract :** In 1915 the committee of "New Works Against Drought" was created in order to combat the drought that year. The committee sought the construction of works to allow the flow of water, giving work to more migrants. Quickly, these constructions have become a place of settlement of migrants in search of occupation. Within these spaces workers experienced a rich historical experience, as the condition of a situation migrants limit - the drought, was the difference for the existence of a multitude of different experiences. Thus, the main objective of this work is to understand the daily life of these subjects and collisions occurring within the area of works.

**Keywords:** Drought, Science and Work.

O ano de 1915 iniciou com bons aspectos de inverno. Contudo no mês de março as chuvas não foram significativas, desfechando-se num longo período de estiagem. Para muitos, não havia dúvida sobre a chegada de uma grande seca. Já neste mês a seca foi declarada oficialmente, iniciando-se os pedidos de socorros. Não demoraram a que levas de retirantes invadissem os cenários das cidades cearenses.

Na seca de 1915 os socorros demoraram. Somente em julho foi criada uma comissão especial, as Obras Novas Contra as Secas, para combater a seca daquele ano, tendo como inspetor o engenheiro Aarão Reis. Apenas em outubro do mesmo ano os trabalhos foram iniciados. A Política era de realização de obras – açudes, estradas, perfuração de poços – priorizando a ocupação do maior número possível de retirantes nas construções. Entre as 17

---

<sup>1</sup> Esse artigo é uma versão condensada do II capítulo da minha dissertação de mestrado a ser defendida em julho de 2009.

\* Lara de Castro é mestranda em história social na Universidade Federal da Bahia.

obras concluídas pela comissão de Obras Novas estão açudes públicos Guaiuba, Patos, Caio Prado, Mulungu, Parazinho e Riacho do Sangue, localizados no Ceará <sup>2</sup>.

A garantia de que em caso de calamidade pública todo brasileiro receberia socorro foi imediatamente transformada pela elite local em recurso de benefício pelo trabalho dos retirantes. De “mendigos a trabalhadores”: a caridade agora começava a estar condicionada a ocupação, refletindo a preocupação com a ordem e com o ócio.

### 1.1 A RETIRADA EM BUSCA DA TERRA DA PROMESSA

“Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.” (QUEIROZ, 1922: 18) Assim como o vaqueiro Chico Bento, personagem do livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz, muitos dos trabalhadores de açudagem partiram em retirada para não morrer de fome. Chico Bento, da mesma forma que, agricultores, vaqueiros, trabalhadores do campo, foram destituídos de ocupação pela situação-limite da seca e migraram com a família, dos mais distintos e distantes pontos, em busca de auxílio que garantisse a subsistência. Depois de um trajeto sofrido marcado pela fome, peste e morte esses sujeitos chegavam aos seus destinos, mas não necessariamente tinham os sofrimentos diminuídos como esperavam.

De acordo com o jornal *A Lucta* de 10 de dezembro de 1915, “Centenas de pais de família, que de qualquer forma... abandonaram a família, lar, em uma viagem penosa dirigiram-se aos locais dos serviços em busca do trabalho rude mais honesto que lhes minorasse a fome, já bastante adiantada.” Outros “em romaria” abandonavam “bens e junto a família” iam em busca da terra da promessa.” A “terra da promessa” citada é a frente de serviço do açude Patos, em São Francisco de Uruburetama<sup>3</sup>. As obras públicas eram uma das únicas soluções vistas pelos sertanejos em retirada.

Assim, as famílias que chegavam aos açudes eram numerosas. Muitos não conseguiam ocupação resultando nas “avalanches de flagelados” a procura de serviço nas obras. Essas aglomerações pressionavam as autoridades que temiam uma revolta geral, caso não houvesse serviço. Contudo, mesmo com essas ebulições no início das construções de açudagem, muitos ficavam sem ocupação.

---

<sup>2</sup> O uso de braços de retirantes nas obras ditas “melhoramentos das secas” ocorre desde o século XIX, sendo algo recorrente nas obras da Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), assim também nas construções das Obras Novas, comissão que funcionou paralelamente a IOCS no combate a seca de 1915.

<sup>3</sup> São Francisco de Uruburetama é o nome fornecido na documentação do lugar de construção do açude Patos, este vilarejo ficava no entorno da cidade de Sobral. Hoje a localidade onde foi construído o açude Patos recebe o mesmo nome da barragem.

Os que conseguiam serviço atacavam imediatamente os trabalhos. Assim, ocupados alguns retirantes na obra, resolvidas as primeiras dificuldades técnicas, são instalados os serviços. Mas como era o local da obra de açudagem? Qual a forma de alojamentos? Existiam alojamentos para o pessoal técnico dentro da obra? E para o pessoal operário? É compreendendo a importância desses questionamentos que será fornecida uma visão, mesmo não aprofundada, vista a limitação das fontes, sobre o campo da construção.

Em meados de novembro de 1915, mais de um mês depois de iniciadas as obras no açude Patos, ainda não existiam abarracamentos para os trabalhadores. Responsabilizando-se por tal fato a escassez de materiais como madeira, ramos e palhas para o serviço. De acordo com o jornal *A Lucta* de 10 de novembro de 1915, “não só os trabalhadores como alguns fornecedores” estavam “completamente expostos ao sol, ao tempo, ao relento.” No mês inicial da construção do açude, os operários ficavam ao completo relento. Durante o dia ficariam expostos ao sol de qualquer maneira, com ou sem alojamento, mas quando a noite chegava ficavam ao desabrigo, o que não era muito diferente das noites que haviam passado durante a jornada até o local da construção do açude.

No entanto, com o passar dos dias, moradias eram levantadas. Em entrevista a um residente da região, o Jornal *A Lucta* de nove de fevereiro de 1916 registra a visão que teve ao chegar à construção do açude Patos: uma rua com algumas casas, serraria e armazém cheio de farinha, feijão e arroz. Além disso, como informa o engenheiro Rômulo Campos em relatório, existiam outras instalações: “casa para armazém, uma para morada dos auxiliares, uma para oficinas, três grandes barracões para o pessoal e casa para o escritório<sup>4</sup>.” Na obra foram criadas ainda duas cacimbas e um reservatório para acúmulo de água, posteriormente barracas para os operários e uma escola. Felipe Guerra<sup>5</sup> registra que em algumas construções existiam também “serviços de esgotos em caixas ascéticas em todas as residências para o pessoal da categoria, casa de médico e casa de gelo” (GUERRA, 1927: 140).

Então, mediante os dados relatados nas fontes, percebe-se que o aspecto do campo das construções dos açudes era de uma pequena vila em formação, com algumas instalações necessárias para o início das obras dos açudes. Nos meses seguintes, com o levantamento de barracas, barracões e casas era tomada a forma de um povoado. Essa vila recebia da imprensa

---

<sup>4</sup> Arquivo da Segunda Divisão Regional do DNOCS. Fundo açudes Públicos Ceará. Pasta açude Patos nº4. Relatório de serviços realizados enviado a Superintendência de Obras Novas Contra as Secas pelo engenheiro Rômulo Campos. 25 de janeiro de 1916.

<sup>5</sup> Felipe Guerra viveu entre 1867 e 1951. Ele ocupou cargos de deputado constituinte estadual, desembargador e Procurador Geral do Estado. Guerra deixou alguns trabalhos voltados para a questão da seca, que em sua maioria tratam da fixação do homem pela açudagem e pela irrigação e dos problemas, para ele, ligados a questão da seca: educação, saúde e progresso social e econômico.

local nomenclaturas que assemelhava o campo a lugares inadequados. Os adjetivos dados eram em geral: “grande arraial”, “front”, “sardinha em lata”, “abundante mercado”, “anfiteatro de gladiadores”, e os nomes dados aos sujeitos que trabalhavam ou viviam ao redor da obra são diversos, podemos citar: “famintos”, “maltrapilhos”, “esqueléticos” “homens sinistros”, “homens magros”, “homens tristes” e “homens cansados”. Todos trabalhando muito, numa “luta desesperadora pela conservação da vida”.

Sendo assim, a aparência era de um lugar abarrotado. É importante perceber que a linguagem da cobertura da Grande Guerra estava presente nos discursos, o que denota o clima de conflito e peleja que também havia no combate às secas. A imagem é de um campo espantoso. Todavia, seus habitantes, mesmo com a condição posta pela fome vivem trabalhando muito, num esforço diário pela garantia da vida.

Fora as dificuldades iniciais de instalação do pessoal operário e administrativo, três meses após o início das obras, era noticiado outro problema: a disseminação de moléstias nos açudes, especificamente os registro remetem a questão no açude Patos. Um ambiente de aglomeração de famílias pobres, debilitadas e mal alimentadas, sem uma estrutura salubre, resultava na facilidade de dispersão de doenças. O jornal *A Lucta* de cinco de janeiro de 1916 falava das epidemias que atingiam os campos de concentração em Fortaleza e o açude Patos.

Então, visto os documentos e informações apresentadas, podemos ter noção de parte do cenário da construção dos açudes públicos das Obras Contra as Secas, era nesse espaço que o cotidiano era dividido entre engenheiros, auxiliares técnicos, operários e seus familiares. Era este o lugar que funcionava como escola para os trabalhadores das secas, onde retirantes tornavam-se operários das obras.

## 1.2 DE RETIRANTES A TRABALHADORES.

*“Só a região da seca poderá fornecer lutadores e operários contra as secas.” (...)  
“Ninguém ignora que, em última análise, o problema da seca, é problema do trabalho. A falta do trabalho produz miséria, fome, desgraças.” (GUERRA, 1927: 19 e 143)*

Os operários, logo que eram alistados, iniciavam os serviços imediatamente. Mesmo debilitados fisicamente trabalhavam com rapidez. No relatório enviado a Aarão Reis em 25 de janeiro de 1916, o engenheiro Rômulo Campos informa que inúmeros trabalhos preparatórios foram realizados de outubro a dezembro de 1915. Entre outros, foram realizados roçado em capoeira fina, escavação em terras, piçarra e rocha e transporte de materiais diversos.

Na obra também foram feitos os serviços de instalações, sendo edificados “dois tanques de alvenaria de tijolos para água”, uma casa para armazém, uma para morada dos auxiliares, uma para oficinas do ferreiro e carpinteiro, três grandes barracões para o pessoal”. Fora isso, foram realizados “reparos gerais na casa para o escritório” e abertas “quatro grandes cacimbas para abastecimento do pessoal<sup>6</sup>”.

A partir das descrições podemos ter uma visão não generalizada dos tipos de trabalhos desempenhados pelos obreiros dos açudes. As funções iam de trabalhos como escavação e transporte de materiais a trabalhos que exigiam outros tipos de conhecimentos, como pintura, alvenaria e carpintaria; tudo demonstrando a complexidade do canteiro de obras. Nas contratações é mencionada a lotação de operários para desempenhar funções de mestre de obra, contra-mestre, pintor, carroceiro, pedreiro, ferreiro, feitor, carpinteiro e servente. Percebe-se a diversidade de funções atribuídas aos retirantes. Inclusive, o engenheiro Rômulo Campos alegou em relatório que havia distinções entre os operários: existiam os que trabalhavam em “serviços especiais” e para estes eram dadas maiores diárias. Nas obras eram também admitidos os idosos, mulheres e meninos com a justificativa de minorar o sofrimento da família. Para estes eram dadas geralmente as funções de transporte de terra.

Era grande, conforme *A Lucta*, o “número de flagelados sexagenários”, que não conseguiam “empunhar a picareta, frágeis viúvas, mãe de debilitada família, moças e crianças”, que não agüentavam “conduzir a caçamba de barro, os quais por via de regulamento de tais serviços” não podiam ser inscritos no rol de trabalhadores, sem prejuízo no orçamento”<sup>7</sup>. Porém, se existiam outros trabalhadores mais adequados à labuta, por que usar a mão de obra dos retirantes? Por que engenheiros mantinham mulheres, crianças e idosos, correndo o risco de aumentar o orçamento da obra?

Talvez, a intenção dos engenheiros fosse muito mais de aproveitar a mão-de-obra do operário retirante do que racionalizar o processo de trabalho. Isso pode ser entendido como um reflexo da mentalidade vigente no período que pregava a necessidade de evitar esmolas, pois era preciso ocupar os pobres com alguma atividade para que pudessem vir a receber quaisquer formas de assistência.

Os operários viviam sob pesada disciplina. O Jornal *A Lucta* de 10 de novembro de 1915 expõe que trabalhadores “enfraquecidos por uma fome de dez meses” eram obrigados “diariamente a 10 horas de trabalho insano a picareta sob rigor de um sol causticante e,

---

<sup>6</sup> Arquivo da Segunda Divisão Regional do DNOCS. Fundo açudes Públicos Ceará. Pasta açude Patos nº4 . Relatório dos serviços realizados de outubro a dezembro de 1915, enviado a Superintendência de Obras Novas Contra as Secas pelo engenheiro Rômulo Campos. 26 de janeiro de 1916.

<sup>7</sup> Sobre a construção do açude Forquilha. Jornal *A lucta*, 14 de maio de 1919.

sobretudo “mal comidos, mal bebidos e mal dormidos.” Observando as fonte, levando em conta os trabalhos realizados já nos dois primeiros meses da construção, podemos entrever como era árduo o serviço diário desses obreiros.

Os trabalhadores eram organizados em grandes turmas coordenadas por feitores, dirigidos por um feitor geral. Logo pela manhã acontecia a chamada geral, quando cada feitor anotava todas as faltas e frequências dos seus comandados. Após a chamada, os auxiliares de campo davam as ordens de serviço para o feitor, que junto aos seus operários seguiam para o local dos trabalhos, “fazendo logo depois uma nova chamada para ver os presentes, anulando os pontos dos faltosos.” Por volta das “11 horas da manhã era realizada a primeira refeição. E por volta das seis horas podiam sair do serviço. Todas as tardes, depois da jornada, os feitores organizavam as notas dos operários sob sua competência, devendo comparecer a “entrega dos vales de sua turma a fim de auxiliar e verificar” se o que recebia era o mesmo que havia trabalhado, evitando “conversas e bagunça”. No total, os auxiliares de campo faziam três chamadas por dia, marcando as tarefas do pessoal.<sup>8</sup>

Cada operário era responsável pelo seu instrumento de trabalho e cabia ao feitor zelar e fazer a contagem das ferramentas da sua turma. A fiscalização dos serviços era rigorosa, o feitor não podia se ausentar do local onde trabalhava sua turma. A este também era dado o papel de auxiliar, ensinar e instruir os operários. Deveria ainda portar-se “convenientemente com o pessoal da turma, evitando conversas e pilherias”. Também deveria evitar a promiscuidade com o pessoal operário, quer durante as horas de trabalho, quer fora deste.

É interessante pontuar, dentro desse relato do dia-a-dia na obra, que para ser um feitor era necessário saber ler e escrever, ter boa conduta, não possuir vícios, se apresentar decentemente, “sempre de paletó e calçados”. Além disso, deveria mostrar sempre “autoridade, energia e urbanidade.” Um instrumento utilizado por este trabalhador era o chicote, no qual a função, de acordo com o jornal *A Lucta*, de nove de fevereiro de 1916, “era meter medo na negrada”. Para uma rigorosa manutenção da ordem era proibido “qualquer espécie de jogo, e, o uso de licores espirituosos”; tudo para que não houvesse “o mínimo distúrbio, o menor ato de desrespeito”.

Contudo, levando em consideração que a documentação que forneceu boa parte dessas informações, são livros de regras e deveres, é possível refletir e entender que principalmente os horários, não eram seguidos mecanicamente tal qual desejava o engenheiro e a comissão

---

<sup>8</sup> Arquivo da Segunda Divisão Regional do DNOCS. Fundo açudes Públicos Ceará. Pasta açude Tucunduba. Junho de 1917. Esse açude esteve entre as atribuições da Inspeção de Obras Contra as Secas. Sua construção era próxima a do açude Patos. No relatório final das Obras existem relatos dessa obra. O documento tem informações sobre o pessoal jornalheiro, trazendo uma longa lista dos deveres dos feitores nas obras.

técnica. Não foram encontrados muitos outros documentos técnicos que atestem a aplicação desses horários ferrenhamente no cotidiano. No entanto, os jornais da época, informam sempre sobre o cotidiano de um longo dia de trabalho duro, de difíceis condições de alojamentos e má alimentação dos obreiros.

Era uma nova postura nas relações de trabalho, a proibição de aguardentes, promiscuidade, a fiscalização rigorosa para evitar conflitos dos trabalhadores era um reflexo de que, quando se dava trabalho, a preocupação não se limitava a saciar a fome dos retirantes, mas também de ensinar novos valores da moral e dos bons costumes. Então, mediante as fontes problematizadas, vê-se o quanto podia ser rigoroso o sistema de trabalho vivenciado pelos retirantes operários nas construções das Obras Novas Contra as Secas. O dia-a-dia era pautado pela hierarquia, divisão do trabalho, horário rigoroso, uma nova lógica temporal (quando comparamos a agenda diária com o tempo de trabalho no sertão) e, ainda mais, valores de uma sociedade que se pretendia moderna como moral, bons costumes, ordem e disciplina.

Experiência rural era diferente. O trabalho sob comando de um feitor, dirigido por técnicos e organizado por turmas ia de encontro aos valores dos sertanejos acostumados ao trabalho familiar e autônomo. Agricultores, vaqueiros, trabalhadores acostumados à lida diária com a família num tempo próprio, num horário delimitado por ele mesmo, sem haver uma divisão entre os que davam ordens e os que deviam obedecer. Eram habituados a batalhar com os seus instrumentos, dominando o seu ambiente de trabalho, tendo seus próprios saberes. Mas, a família do campo com costumes diferentes, dependia agora das políticas de socorros do governo, que tentava educar, disciplinar sob novos padrões. O retirante teve que dialogar com novas tecnologias e novas hierarquias. Novos saberes foram adicionados ao cotidiano de duras atividades físicas, divisão do trabalho por tarefas e obediência aos dirigentes. A recompensa desse esforço nem sempre significava uma suficiente gratificação.

### 1.3 JORNADAS DA FOME.

Se a disciplina incomodava, a forma de pagamento também causava problemas. “Os pequenos salários dos operários eram pagos sempre em vales, entregues logo ao comércio e aos fornecedores”.<sup>9</sup> As diárias variavam de açude para açude, não era um valor fixo. As dos homens dos açudes estudados variaram em torno de 700 a 1\$800, dependendo do rendimento

---

<sup>9</sup> Guerra, Phellipe. Ainda o Nordeste. Op. Cit. p. 89

e da estação de realização das obras. Os meninos também recebiam em vales, já as mulheres conforme alguns documentos recebiam em forma de alimento.

A assistência era dada pela ocupação e esse trabalho assegurava a remuneração, que para os retirantes operários significava a subsistência. Os trabalhadores dos açudes das Obras Novas sofreram com a falta de mantimentos, principalmente no início das obras. Conforme noticia o jornal a *Lucta*. No açude Patos, no segundo mês de trabalho, os operários realizavam duas refeições diárias: “As 11 horas do dia” quando uma “sineta” dava “sinal de suspender o serviço começado as seis horas da manhã” ocorria a primeira refeição. “O grupo de trabalhadores, cansados e esbaforidos iam à casa do engenheiro” para obter “um cartão” que lhe dava “direito de comprar no fornecedor há dois quilômetros de distância o necessário para preparar a primeira refeição”. Não havia tempo da comida “ser feita ao forno”, então, ela era composta “de farinha de mandioca e açúcar mascavo”. A segunda e última refeição era realizada “às 5 e ½ horas da tarde”, quando era novamente “suspenso o trabalho”. Era levado feijão que ingeriam “8 ou 9 da noite.”<sup>10</sup>

É visível que o cotidiano dos trabalhadores era de jornadas de fome, a alimentação era insuficiente diante do esforço físico dos operários, que recebiam pouco e ainda dividiam o que possuíam com os numerosos familiares. Se a marcha nas obras era marcada pela fome, o dia-a-dia dos familiares era ainda mais. Os retirantes que não conseguiam ocupação esperavam pela assistência obtida através do trabalho dos parentes, já que longe do núcleo urbano ficava complicada a recorrência à caridade pública. Então, para os que não conseguiam serviço, só restava aguardar pelo parco auxílio que seria levado para casa.

As famílias numerosas com apenas um trabalhador empregado passava ainda por piores privações. O jornal do dia representava para Chico Bento, personagem de *O quinze*, o alimento da “filharada esfomeada”. Isso também ocorria nos açudes das Obras Novas. O valor da remuneração ia além do material, para o operário tinha um significado sentimental, pois representava a subsistência dele e da família.

A conquista da ocupação denotava para aqueles trabalhadores camponeses a sobrevivência básica. O trabalho significava a concessão de assistência, que, por sua vez, tomava forma de garantia de alimentação. O trabalhador do campo estava acostumado a garantir a subsistência de toda a família, mas os vales não garantiam isso, as reclamações existentes por conta desse sistema são inúmeras e contam com a legitimação da sociedade.

---

<sup>10</sup> Jornal a *Lucta*, 10 de Novembro de 1915.

Porém, se o trabalho significava para o operário na seca a garantia do nutrimento diário, para os gestores das *Obras Novas* expressava muito mais que isso. Dentro das obras são percebidas medidas que objetivavam não só garantir o nutrimento físico, mas também o nutrimento mental em seus aspectos pedagógicos.

As obras não deixavam se de ser “escolas para o trabalho”. Nelas eram educados e produzidos novos pedreiros, ferreiros, carpinteiros, motoristas, tratoristas, mecânicos, mestres de obras, entre outros. Contudo o dever cobrado ao Estado era ocupar o retirante, para evitar conflitos e protestos. A exigência pra o merecimento dessa assistência social era o trabalho árduo, disciplinado e mal pago. Os retirantes em obra tornaram-se operários das obras das secas.

O emprego nessas obras simbolizou mais uma medida de emergência, de preocupação em ocupar os retirantes, do que mesmo de estabelecimento de uma política educacional de trabalho com o objetivo de banir definitivamente o ócio. Os retirantes representavam mais um perigo à ordem que uma violação aos valores do trabalho, pois eram desocupados por consequência da situação de calamidade. Fora dessa situação-limite eram trabalhadores.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALVES, Joaquim. *História das secas - séc. XVII a XIX*. Edição fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003.
- ALBUQUERQUE JR, Durval. M. “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste.” *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ *Marco Zero*, v.15, n 28, p.111- 120, 1995.
- CANDIDO, Tyrone. *Trem da Seca: Sertanejos, retirantes e operários. ( 1877-1880)* . Fortaleza. Museu do ceará. Secretaria de cultura do estado do Ceará. 2005.
- GUERRA, Felipe. *Ainda o Nordeste*. Natal. Typ d´. “a Republica”: 1927.
- GUERRA, Paulo Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza. DNOCS. 1981.
- KROPF, Simone Petagália. “Um saber para prover afim de prever - a engenharia de uma Brasil moderno.” *In: A invenção de um Brasil moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. HERSCHAMAN, Miguel m. e PEREIRA, Carlos A. M. (orgs). Rio de Janeiro. 1994
- LINS, Ivan. “O positivismo no Rio de Janeiro”. *In: Revista Conviver. Nordeste semi-árido*. V.IV. Fortaleza. DNOCS. 2004.
- MEDEIROS FILHO, João e SOUZA, Itamar de. *A seca do Nordeste: um falso problema. A política de combate as secas antes e depois da SUDENE*. Vozes. Petrópolis. 1988.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- NEVES, Frederico de Castro. “A seca e o homem: políticas anti-migratórias no ceará.” *TRAVESSIA, REVISTA DO MIGRANTE*. São Paulo: CEM n.25, maio – agosto, p.18- 24, 1996.
- QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 52 ed. São Paulo. Siciliano. 1993.

REIS, Aarão. *Obras Novas Contra as Secas: Trabalhos executados de 03 de setembro de 1915 a 31 de outubro de 1918* – Relatório apresentado ao exmo. Sr. Aug. Tavares Lyra Ministro da Viação e obras Públicas. Rio de Janeiro: Imprensa nacional.1920. p. 246.

SCHWARTZMAR, Simon. *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília: ministério da ciência e da tecnologia. Centro de estudos estratégicos. 2001

SOBRINHO, Tomas Pompeu. *Historia das secas: século XX*. Fortaleza. AB Fontenele. 1953.

SOUSA, Simone e NEVES, Frederico de Castro. (orgs) *Fortaleza: história e cotidiano - Seca*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.

TEOFILO, Rodolfo. *A seca de 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa. 1922.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.